

Comportamento Semanal de Mercado

26 de julho a 2 de agosto



Condições mais restritivas

Diante de um cenário global incerto e de um doméstico marcado pela resiliência na atividade, elevação das projeções de inflação, maior desancoragem das expectativas, forte depreciação cambial e incertezas acerca das contas públicas, demandando um acompanhamento diligente e ainda maior cautela, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu de forma unânime pela manutenção da taxa Meta Selic em 10,50% a.a.. A combinação desses fatores levou o mercado a precificar uma política monetária mais restritiva.

Reforçando a leitura de um mercado de trabalho aquecido, o Caged reportou a criação líquida de 201 mil vagas em junho, acumulando 1,73 milhão de postos em 12 meses (+4,4% a.a.), ao mesmo tempo que a taxa de desocupação recuou para 6,9% da força de trabalho. Ainda em junho, a produção industrial cresceu 4,13% na margem, na série dessazonalizada, com uma forte recuperação após a calamidade no Rio Grande do Sul (RS), levando a variação anual da produção acumulada em 12 meses para 1,54% a.a., evidenciando um hiato do produto mais apertado.

Contudo, observa-se um descolamento entre as projeções do Boletim Focus e as apostas no mercado de opções do Copom na B3. No Focus, a mediana das projeções para a taxa Selic ao final de 2024 se manteve em 10,50% a.a., mas para 2025, saiu de 9,50% a.a. há 1 semana para 9,75% a.a., permanecendo em 9,00% a.a. para 2026 e 2027. Já na B3, na sexta-feira (02/08), apontava 68,4% de chance de manutenção da taxa Selic na reunião de setembro, mas com 19,26% de probabilidade de uma alta de 0,50 p.p. e 10,95% de uma elevação de 0,25 p.p..

Apesar da deterioração das condições financeiras no ambiente interno, o cenário internacional pode contribuir no caso de um afrouxamento monetário pelo Federal Reserve (Fed). Os recentes dados reforçando a perda de ímpeto da economia, sobretudo no mercado de trabalho, e a diminuição das pressões inflacionárias nos EUA, criam as condições necessárias para o início desse processo. Na semana, o mercado passou a precificar um ciclo de corte mais agressivo na *Fed Funds*, corroborado pelo comunicado após a manutenção da taxa entre 5,25% 5,50% a.a., com as apostas de uma redução de -0,50 p.p. em setembro elevando-se de 11,4% em 29/07 para 74,0% em 02/08.

O *payroll* de julho mais fraco do que o esperado, apontando para uma diminuição no ritmo de criação de vagas e no aumento dos salários, e a elevação da taxa de desemprego para 4,3%, juntamente com a queda na atividade industrial, voltando ao patamar que indica contração, suscitaram dúvidas quanto à um pouso suave da economia.

Assim, o retorno da *T-Note* de 10 anos caiu -0,40 p.p. na semana para 3,80% a.a. e o dólar se enfraqueceu frente às moedas de países desenvolvidos (-1,06%). Penalizada pelo desmonte de posições em *carry trade* e a redução nos preços das *commodities*, o dólar se apreciou 0,36% em relação a uma cesta de moedas emergentes. Já o real encerrou com um desempenho inferior à média de seus pares, se depreciando em 1,26%, com o dólar cotado a R\$ 5,73. Favorecendo-se do movimento no exterior, a taxa real de juros *ex-ante* acumulou uma retração de -0,37 p.p. na semana, para 7,06% a.a., mas ainda em nível contracionista quando comparada à taxa neutra estimada pelo Banco Central (BC) de 4,75% a.a..

Para esta semana, espera-se a ata da reunião do Copom, que deverá dar maiores sinais quanto à condução da política monetária, além do IPCA, IGP-DI, produção de veículos e balança comercial. No cenário externo, destaques para as divulgações do PMI serviços nos EUA, China e Zona do Euro, vendas no varejo na Zona do Euro, crédito ao consumidor nos EUA e inflação ao consumidor e ao produtor na China.

Expectativas

A ampliação da desancoragem das expectativas inflacionárias no Boletim Focus continua acompanhando o recente processo de depreciação cambial. No curto prazo, as projeções para o IPCA subiram novamente, respondendo a alguns fatores como IPCA-15 de julho acima do esperado, adoção de bandeira tarifária amarela na conta de energia elétrica e ao aumento dos combustíveis. Entre os dias 26 de julho e 2 de agosto, a mediana das projeções para julho passou de 0,32% para 0,33%, para agosto de 0,12% para 0,11% e para setembro de 0,20% para 0,21%. Assim, o indicador para 2024 avançou pela 3ª edição consecutiva, passando de 4,10% para 4,12% (4,02% há 4 semanas). A estimativa mediana do IPCA de 2025 elevou-se de 3,96% para 3,98% (3,88% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as medianas mantiveram-se em 3,60% e 3,50%, respectivamente, mesmos patamares há 4 semanas. Já a inflação suavizada para os próximos 12 meses continuou em 3,72% (3,59% há 4 semanas).

Com um aumento nos prêmios de riscos na curva da inflação implícita, apurada com base nos preços de negociações das NTN-Bs, a taxa para o prazo de 1 ano elevou-se em 0,04 p.p. para 4,56%, a de 2 anos em 0,01 p.p. para 4,92% e a de 3 anos em 0,01 p.p. para 5,15%.

Ainda, no boletim, a projeção da Selic se manteve em 10,50% ao fim de 2024 (10,50% a.a. há 4 semanas). Com o início do processo de flexibilização monetária sendo adiado de maio para junho e contemplando apenas 3 reduções de -0,25 p.p., a taxa encerraria 2025 em 9,75% a.a., ante 9,50% a.a. na edição anterior (9,50% a.a. há 4 semanas). Aos finais de 2026 e 2027, continuaram em 9,00% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas).

Pela 4ª semana consecutiva, as expectativas para a expansão do PIB continuaram aumentando para esse ano, passando de 2,19% para 2,20% (2,10% há 4 semanas). Já para 2025, com a expectativa de manutenção dos juros em níveis mais restritivos por um período maior, a estimativa reduziu-se de 1,94% para 1,92% (1,97% há 4 semanas). Sem alterações, espera-se que a economia cresça 2,00% nos anos de 2026 e 2027 (mesmo patamar há 4 semanas).

No mercado de câmbio, a despeito da volatilidade nas operações à vista, a mediana das projeções para o final de 2024 permaneceram em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,20 há 4 semanas). Para 2025, o indicador subiu de R\$/US\$ 5,25 para R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,20 há 4 semanas), enquanto para 2026 seguiu em R\$/US\$ 5,25 (R\$/US\$ 5,20 há 4 semanas). Para o término de 2027, a taxa oscilou de R\$/US\$ 5,23 para R\$/US\$ 5,25 (R\$/US\$ 5,20 há 4 semanas).

Finalizando, não houve alterações para o cenário fiscal em 2024 e 2025. Em relação ao PIB, o déficit primário estimado continuou em -0,70% do PIB para esse ano (-0,70% há 4 semanas) e em -0,70% do PIB para 2025 (-0,61% há 4 semanas). Para 2026, a mediana das expectativas variou de -0,53% para -0,50% do PIB (-0,50% há 4 semanas), ao passo que para 2027 variou de -0,31% para -0,30% do PIB (-0,50% há 4 semanas).

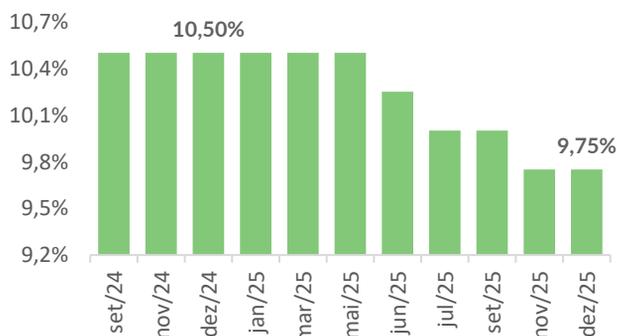
IPCA

Mediana das expectativas (% a.a.)

Mediana - agregado			
	02/08/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
jul/24	0,33	0,32	0,19
ago/24	0,11	0,12	0,10
set/24	0,21	0,20	0,19
2024	4,12	4,10	4,02
2025	3,98	3,96	3,88
2026	3,60	3,60	3,60

Selic

Mediana das expectativas (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Ao longo da semana, uma série de indicadores apontaram para um esfriamento mais evidente da economia dos EUA. O mercado de trabalho desacelerou mais do que o esperado em julho, com a taxa de desocupação alcançando o maior nível desde out/21. Com elevação de 0,2 p.p. em relação a junho, a taxa chegou a 4,3%, superando a previsão de estabilidade em 4,1% do *The Wall Street Journal*. Aditivamente, foram gerados somente 114 mil postos de trabalho no mês, frente ao número revisado de 179 mil em jun/24, bem abaixo dos 206 mil novos postos anunciados anteriormente em junho.

Os números semanais de pedidos de auxílio-desemprego subiram em 14 mil na semana encerrada em 27 de julho, para 249 mil, ficando acima da previsão de 235 mil solicitações. A média móvel de 4 semanas foi de 238 mil, um aumento de 2,5 mil em relação à média revisada da semana anterior. Ainda, um outro relatório, o Jolts, mostrou que a abertura de postos de trabalho nos setores não agrícolas ficou praticamente estável entre maio e junho, passando de 8,230 milhões para 8,184 milhões. A taxa de criação de vagas se manteve em 4,9% em junho.

Ainda, as novas encomendas de produtos manufaturados caíram - 3,3% em junho, bem acima dos -2,9% estimado pela Reuters, e vindo de um recuo de -0,5% em mai/24. Em consonância, a atividade industrial medida pelo S&P Global voltou a território contracionista ao cair para 49,6 em julho, ante 51,6 no mês anterior. O PMI industrial do ISM também mostrou queda, indo para 46,8 em julho, ante 48,5 no mês anterior e abaixo do consenso de 48,9 da FacSet.

Por sua vez, a confiança dos consumidores cresceu de forma inesperada em julho, mas permaneceu na faixa estreita dos últimos 2 anos, em meio a preocupações persistentes com a inflação e custos mais altos de empréstimos. O indicador do Conference Board avançou de 97,8 em jun/24 para 100,3 em julho, acima do previsto por levantamento da FactSet de 99,5. Enquanto o índice de situação atual recuou de 135,3 para 133,6, o de expectativas se expandiu de 72,8 para 78,2. Ainda, as expectativas de inflação em 12 meses permaneceram estáveis em 5,4% em julho.

Na semana, o Fed manteve a taxa básica de juros inalterada na faixa de 5,25% e 5,50% a.a., afirmando que embora a inflação tenha caminhado mais em direção à meta de 2,0%, ainda permanece um pouco elevada. Além disso, os recentes indicadores sugeriram que a atividade econômica continuou a se expandir em um ritmo firme, o mercado de trabalho desacelerou, e a taxa de desemprego subiu um pouco, mas permaneceu baixa.

Em entrevista, o presidente do Fed, Jerome Powell, avaliou que as condições do mercado de trabalho voltaram aproximadamente a ser como antes da pandemia: sólidas mas não abundantes, abrindo caminho para que o Fed possa vislumbrar um juro menor em breve, desde que os indicadores continuem sendo positivos como os últimos têm sido.

Na Zona do Euro, mantendo a incerteza sobre uma possível redução das taxas de juros pelo Banco Central Europeu (BCE) em setembro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) passou de 2,6% a.a. em mai/24, para 2,5% a.a. em jun/24 e para 2,6% em julho, impulsionada por um novo aumento dos preços de energia. O resultado superou a estimativa da FactSet, que estimava desaceleração para 2,4% a.a.. O núcleo da inflação, que exclui os preços de alimentos e energia, permaneceu estável em 2,9% a.a., mesmo índice desde mai/24. O PIB da região manteve o ritmo de crescimento do 1T24 e subiu 0,3% no 2T24, superando o estimado no consenso da LSEG, de uma alta de 0,2%, após a estagnação ao longo de 2023, segundo dados preliminares. Todavia, o dinamismo se mostrou desigual entre os países e o consumo continuou contido, representando um risco de baixa para a recuperação do 3T24. Adicionalmente, o indicador de confiança do consumidor avançou de -14,0 pts. em jun/24 para -13,0 pts..

Em meio à queda na produção e na demanda, a atividade industrial na China declinou para o nível mais baixo em 5 meses. O índice de gerentes de compras (PMI) oficial da indústria recuou de 49,5 em jun/24 para 49,4. O resultado superou ligeiramente a previsão de 49,3 de pesquisa do *The Wall Street Journal*. O PMI oficial não manufatureiro, que abrange as atividades de serviços e de construção, caiu para 50,2 em julho, vindo de 50,5 em jun/24. Por fim, o PMI medido pela S&P Global caiu de 50,8 em jun/24 para 49,7.

Aversão ao Risco

Somando-se aos temores com o fraco dinamismo da atividade econômica na China, os dados de atividade e mercado de trabalho nos EUA suscitaram dúvidas quanto à capacidade de um pouso suave da economia norte-americana, em meio ao processo de convergência da inflação à meta de 2,0%, levando ao aumento da aversão ao risco na semana. O *payroll* de julho mostrou uma diminuição na geração de vagas, um arrefecimento na alta dos salários e uma elevação da taxa de desemprego para 4,3%. Adicionalmente, a atividade industrial voltou ao patamar contracionista.

Em seu comunicado, após manter a *Fed Funds* entre 5,25% e 5,50% a.a., os agentes viram uma maior inclinação para o afrouxamento monetário mais agressivo. Na sexta (02/08), a ferramenta *FedWatch*, do CME Group, registrava 74,0% de chance de um corte de -0,50 p.p. na reunião de setembro (11,4% em 29/07) e de 26,0% de chance de um corte de -0,25 p.p. (88,2% em 29/07). Com isso, observaram-se fortes reduções nos retornos das *T-Notes* na semana, com quedas de -0,48 p.p. para 3,88% a.a. na de 2 anos, de -0,44 p.p. para 3,62% a.a. na de 5 anos, de -0,40 p.p. para 3,80% a.a. na de 10 anos e de -0,34 p.p. para 4,11% a.a. na de 30 anos.

Ainda na semana, verificaram-se reduções nas principais bolsas internacionais, com recuo de -3,35% na Nasdaq, de -2,06% no S&P 500, de -2,10% no Dow Jones, de -4,11% no DAX 40 e de -1,34% no FTSE 100. Impactada pela decisão do Banco Central do Japão (BoJ) de elevar a sua taxa de juros de referência para cerca de 0,25%, ante faixa anterior de 0% a 0,10%, o anúncio de redução do programa de compra de títulos públicos e a intervenção cambial no valor de 5,34 trilhões de ienes (US\$ 36,23 bilhões) em julho, o índice Nikkei 225 recuou -4,67% no período.

A exceção ficou para a bolsa de Xangai, com uma alta de 0,50%, a despeito da nova queda do PMI industrial em julho para nível que indica contração. Em linha com a elevação da aversão ao risco, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -4,48% e a cotação do barril de petróleo tipo Brent recuou -5,32%, para US\$ 76,81 – o menor nível desde 08/01/2024 (US\$ 76,12). Por sua vez, o preço do minério de ferro na bolsa de Qíngdao subiu 2,61%, seguindo a alta da bolsa chinesa.

No ambiente interno, o mercado de trabalho aquecido corroborou o tom mais duro do comunicado do Copom, sugerindo permanecer com a política monetária contracionista por um tempo maior. Assim, o Ibovespa caiu -1,29% na semana, voltando para o patamar dos 125 mil pts.. Ainda, seguem os temores com a dinâmica fiscal, o que levou o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, aumentar 13,97 bps., para 171,13 bps..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	02/08/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	125.854	-1,29%	0,86%	4,37%
Nasdaq	16.776	-3,35%	-6,95%	20,18%
S&P	5.347	-2,06%	-2,95%	18,76%
Dow Jones	39.737	-2,10%	1,03%	12,84%
FTSE 100	8.175	-1,34%	0,66%	8,57%
DAX 40	17.661	-4,11%	-2,77%	11,12%
Nikkei 225	35.910	-4,67%	-10,39%	11,66%
Xangai	2.905	0,50%	-3,06%	-11,44%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Câmbio

Acompanhando a queda nos retornos das *T-notes* e o aumento das preocupações com o dinamismo da atividade econômica, o dólar se enfraqueceu frente às moedas de países desenvolvidos. Na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar em relação às divisas de 6 países desenvolvidos, recuou -1,06%, com destaques para a apreciação de 4,70% no iene, de 0,50% no euro e para a depreciação de 0,52% na libra esterlina.

Por sua vez, as moedas de países emergentes seguem mais pressionadas. Vale ressaltar os efeitos dos desmontes de operações de *carry-trade* com a moeda japonesa e as quedas nas cotações das *commodities*, decorrente da desaceleração da economia global. No período, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas de países emergentes frente ao dólar caiu -0,36%, com destaques para as depreciações de 3,89% no peso mexicano, de 2,82% no peso colombiano e de 0,46% no peso argentino, além das apreciações de 0,85% no rublo russo e de 0,05% no rand sul-africano.

O real fechou a semana com um desempenho aquém da média de seus pares emergentes, se depreciando em 1,26%, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,73, após alcançar R\$ 5,75 no dia 01/08/2024. Apesar da perda de força do real, o Banco Central manteve a atuação somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/10/2024.

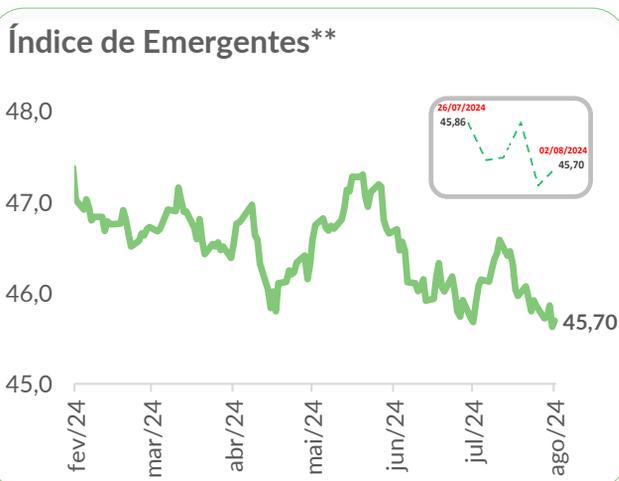
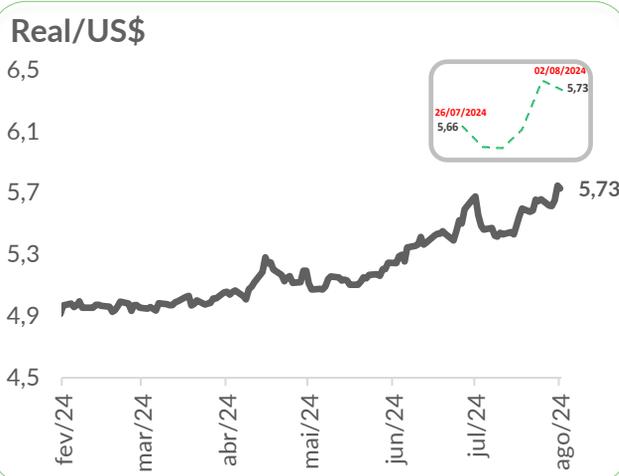
Por fim, o fluxo cambial na semana entre os dias 22 e 26/07/2024 ficou positivo em US\$ 1,77 bilhão, fruto das entradas líquidas de US\$ 808 milhões na conta comercial e de US\$ 963 milhões na financeira.

*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Copom – Jul/24

Reforçando o compromisso de convergência da inflação à meta, o Copom manteve de forma unânime a Meta Selic em 10,50% a.a.. Uma combinação de fatores como a deterioração do balanço de riscos para a inflação e o cenário prospectivo mais complicado, que congrega uma maior desancoragem das expectativas, forte depreciação cambial, preocupações com a trajetória das contas públicas e a adversidade no ambiente externo em função das incertezas sobre os impactos e a extensão da flexibilização monetária nos EUA, demandam ainda maior cautela na condução da política monetária.

Entendendo a decisão como compatível com a estratégia de convergência da inflação à meta ao longo do horizonte relevante, que considera a projeção para os 6 trimestres à frente, ou seja, o 1T26, alinhando-se à nova sistemática de metas estabelecida pelo Decreto 12.079/24, o Copom ressaltou que a política monetária deve se manter contracionista por tempo suficiente em patamar que consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas. Os indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho continuam apresentando dinamismo maior do que o esperado, a desinflação do IPCA tem arrefecido e as medidas subjacente permanecem acima da meta nas divulgações mais recentes. As expectativas de inflação para 2024 e 2025 apuradas pela pesquisa Focus encontram-se em torno de 4,1% e 4,0%, respectivamente.

Em relação à última reunião, as projeções do Copom ampliaram-se para 2024 de 4,0% para 4,2% e de 3,4% para 3,6% para 2025. Para o 1T26, ficou em 3,4%. No cenário alternativo, no qual a Selic se mantém constante ao longo do horizonte relevante, as projeções elevaram-se de 4,0% para 4,2% para 2024 e de 3,1% para 3,4% para 2025. Para o 1T26, ficou em 3,2%.

Para o Copom, o balanço de riscos manteve fatores em ambas as direções: Dentre os de alta: (i) uma desancoragem das expectativas de inflação por período mais prolongado; (ii) uma maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais apertado; e (iii) como novidade, uma conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário, por exemplo, por meio de uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada. Já os de baixa: (i) uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada do que a projetada; e (ii) os impactos do aperto monetário sobre a desinflação global se mostrarem mais fortes do que o esperado.

Por fim, o comitê destacou que a percepção do mercado sobre a trajetória do endividamento do governo tem impactado as expectativas e os preços de ativos, sendo necessária uma política fiscal crível e comprometida com a sustentabilidade da dívida para a reancoragem das expectativas e redução dos prêmios de riscos.

Cenário de Referência*

	2024			2025		
	jun/24	Var	jul/24	jun/24	Var	jul/24
Câmbio	R\$ 5,30	↑	R\$ 5,55	R\$ 5,30	↑	R\$ 5,55
Selic (% a.a.)	10,50%	=	10,50%	9,50%	=	9,50%
Preços Administrados	4,40%	↑	5,00%	4,00%	↓	4,00%
IPCA	4,00%	↑	4,20%	3,40%	↑	3,60%

* O cenário considera a trajetória para a taxa de juros extraída da pesquisa Focus e a taxa de câmbio parte de R\$ 5,55/US\$ e evoluiu pela paridade do poder de compra (PPC), o preço do petróleo seguindo aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses e aumentando 2,0% a.a. posteriormente e a hipótese de bandeira tarifária verde em dez/24 e dez/25.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

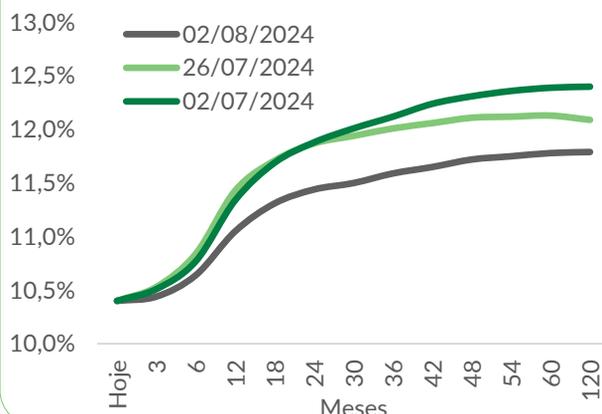
As taxas futuras de juros iniciaram a semana em movimento de alta, o que foi mantido até após a reunião do Copom, a qual sinalizou um tom mais duro no combate à inflação. Contudo, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) encerrou a semana com reduções em todos os vértices, em linha com o movimento do exterior, respondendo aos dados mais fracos do mercado de trabalho nos EUA em julho.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses recuou de 10,84% a.a. para 10,64%, a de 1 ano de 11,43% a.a. para 11,05%, a de 2 anos de 11,87% a.a. para 11,44%, a de 3 de 12,01% a.a. para 11,59%, a de 4 de 12,11% a.a. para 11,72%, a de 5 de 12,13% a.a. para 11,78% e a de 10 anos saiu de 12,09% a.a. para 11,79%.

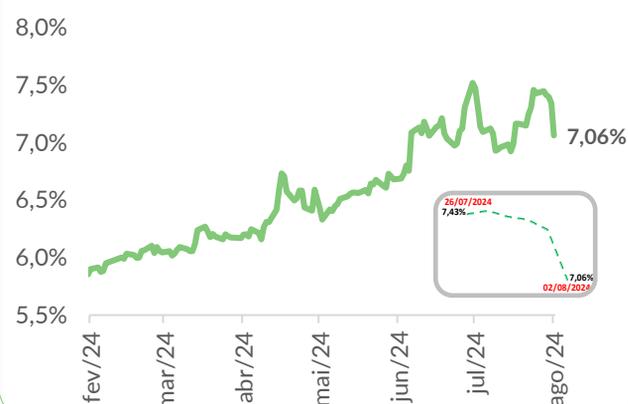
Na semana, a manutenção da inflação esperada para os próximos 12 meses em 3,72%, juntamente à redução na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias, levaram a taxa real de juros *ex-ante* para 7,06% a.a., o que representou uma queda de -0,37 p.p. na semana, contudo ainda em patamar contracionista, comparada à taxa neutra estimada pelo BC de 4,75% a.a..

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,08 p.p. na semana, para 0,74 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,09 p.p., para 0,83 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

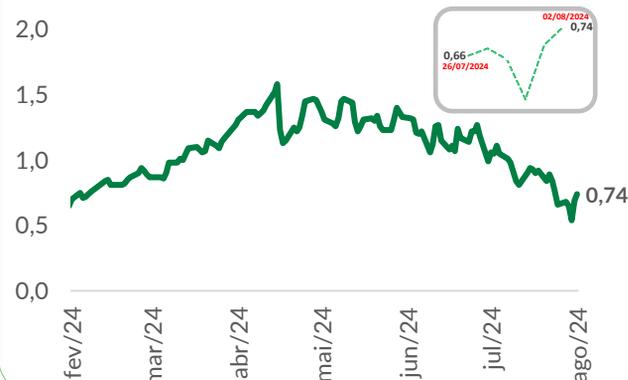


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-M- Jul/24

Desacelerando pelo 2º mês consecutivo, o IGP-M variou 0,61% em julho, após a alta de 0,81% em jun/24. O resultado ficou acima da expectativa mediana do Valor Data, de um avanço de 0,45%. Ainda assim, a taxa anualizada acelerou de 2,45% a.a. em jun/24 para 3,82% a.a. (-7,72% a.a. em jul/23).

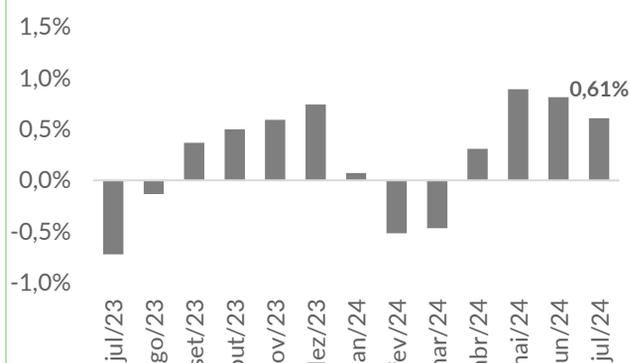
No comparativo com jun/24, os 3 componentes do IGP-M apresentaram desaceleração. A despeito da desvalorização cambial e dos reajustes nos preços administrados, como gasolina e energia elétrica, o IPA desacelerou de 0,89% em jun/24 para 0,68%, beneficiado pelo arrefecimento em produtos agropecuários (1,84% para 0,56%).

Por estágios de processamento do IPA, Bens Finais variou de um alta de 1,08% em jun/24 para uma queda de -0,02%, favorecido pelo subgrupo de alimentos *in natura*. Bens Intermediários aceleraram de 0,42% para 0,91%, alavancados por combustíveis e lubrificantes, ao passo que Matérias-Primas Brutas apresentaram acréscimo de 1,14%, ante 1,25% em jun/24, puxado por minério de ferro e bovinos. Em 12 meses, o IPA acelerou de 1,94% em jun/24 para 3,72% (-11,47% a.a. em jul/23).

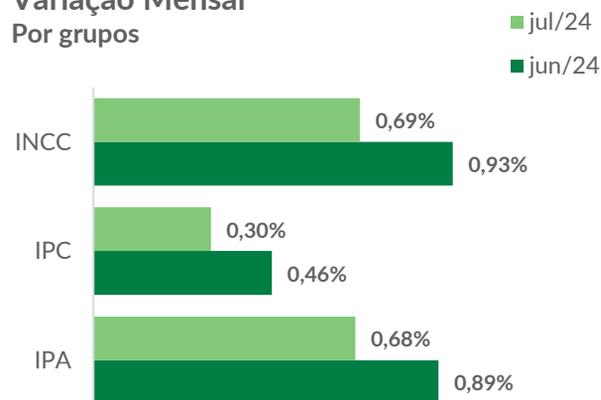
O IPC recuou de 0,46% em jun/24 para 0,30%. Entre suas 8 classes de despesas, 5 apresentaram desaceleração, sendo o maior impacto de Alimentação (0,96% para -0,84%), beneficiado pelo subitem de hortaliças e legumes. Ainda, Saúde e Cuidados Pessoais (0,68% para 0,19%), Vestuário (0,42% para -0,16%), Comunicação (0,07% para 0,04%) e Habitação (0,38% para 0,36%) desaceleraram. Por sua vez, os preços em Educação, Leitura e Recreação (-0,23% para 2,00%), Transportes (0,28% para 0,64%) e Despesas Diversas (0,45% para 1,37%) avançaram no mês. Assim, o IPC variou 3,90% a.a., ante 3,70% a.a. em jun/24 (2,78% a.a. em jul/23).

Por fim, o INCC aumentou 0,69%, menos que a alta de 0,93% em julho, favorecido pelo arrefecimento dos custos com mão de obra (1,61% para 0,85%). Ainda, Materiais e Equipamentos variaram de 0,48% para 0,58% e Serviços de 0,29% para 0,65%. Em 12 meses, o indicador ampliou-se de 3,77% a.a. para 4,42% a.a. (3,15% a.a. em jul/23).

Varição Mensal



Varição Mensal Por grupos



Varição Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Jun/24

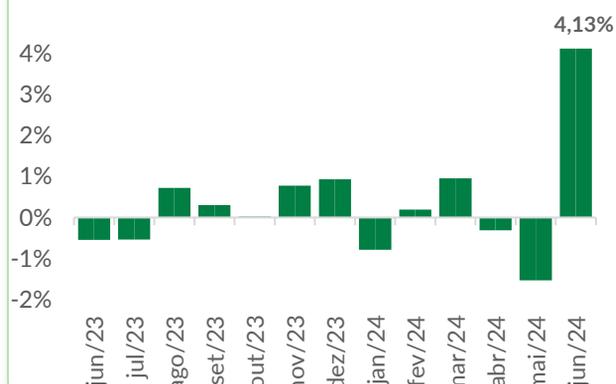
Contemplando o retorno de várias unidades produtivas que foram direta ou indiretamente afetadas pela calamidade pública no Rio Grande do Sul (RS), a produção industrial registrou expansão de 4,13% em junho, na série com ajuste sazonal, após as contrações de -0,31% em abr/24 e de -1,54% em mai/24. Na comparação interanual, o indicador registrou um acréscimo de 3,2% em relação a jun/23, situando-se 2,8% acima do patamar pré-pandemia (fev/20), mas ainda -14,3% abaixo do nível recorde verificado em mai/11.

No comparativo mensal, a indústria de transformação passou de uma queda de -2,54% em mai/24 para uma alta de 4,48%, enquanto a extrativa mineral arrefeceu de 3,36% em mai/24 para 2,48%. Diferentemente do que havia sido observado em mai/24, verifica-se predomínio de taxas positivas, com as 5 grandes categorias econômicas e 16 das 25 atividades industriais pesquisadas apontando crescimento na produção. Analisando-se as grandes categorias, houve as seguintes variações: bens de capitais (+0,5%); bens intermediários (+2,6%); bens de consumo (+6,8%); duráveis (+4,4%) e semiduráveis e não duráveis (+4,1%).

Ainda, a média móvel trimestral na série com ajuste sazonal, usada para capturar tendências de curto prazo, cresceu 0,70% em junho no total da indústria ante uma queda de -0,30% em mai/24. Para a indústria de transformação o indicador foi de 0,73% (-0,44% em mai/24) e para a extrativa mineral de 0,70% (+0,09% em mai/24). O resultado mensal deixou um carregamento estatístico de 2,19% para o 3T24 (2,74% na extrativa mineral e 2,07% na de transformação), sugerindo uma contribuição positiva do setor no PIB do 2T24.

Considerando o acumulado em 12 meses, a indústria geral acelerou o avanço observado em mai/24 de 1,28% a.a. para 1,54% a.a. (5,23% a.a. para a extrativa mineral e 0,88% a.a. para a de transformação). O carregamento estatístico para 2024 é de 3,14% para a indústria geral, de 0,98% para a extrativa mineral e de 3,50% para a de transformação.

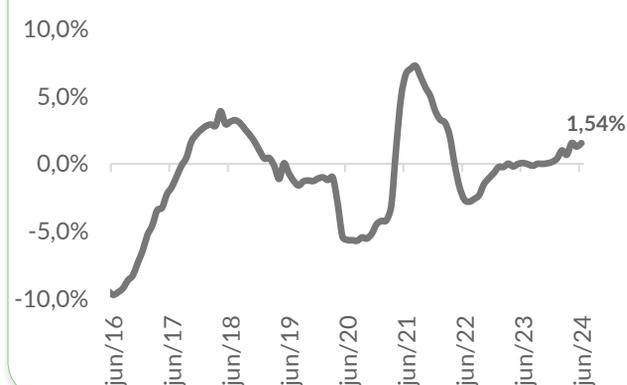
Variação Mensal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Emprego- Jun/24

O mercado de trabalho continua aquecido, mantendo o bom ritmo de geração de vagas. Com alta em relação a criação líquidas de 139.341 vagas de emprego em mai/24, o Novo Caged registrou a abertura de 201.705 postos de trabalho no mês, representando uma alta de 44,8% no mês e de 29,6% a.a.. Assim, fecha o 1º semestre com os melhores resultados desde 2022, com a criação de 1.300.044 vagas.

Todos os grandes setores contrataram liquidamente no mês. Os maiores destaques vieram de serviços (87.708), comércio (33.412) e indústria (32.023). O salário real de admissão registrou uma queda de -0,2% na margem, mas com uma alta de 2,1% ante jun/23, ficando em R\$ 2.132,82.

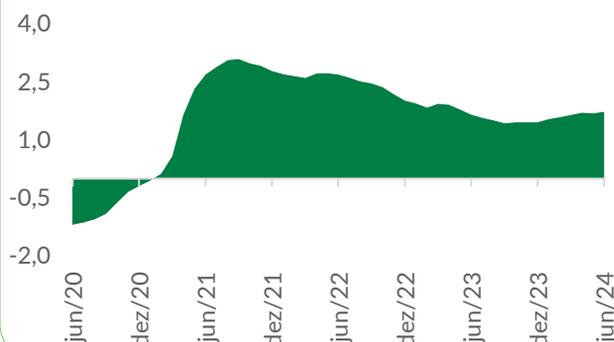
Em consonância, a taxa de desemprego, medida pela Pnad Contínua, recuou de 7,9% no trimestre findo em mar/24 para 6,9%, a menor taxa para um trimestre encerrado em junho desde 2014 (6,9%). O resultado ficou em linha com o consenso do LSEG e abaixo dos 8,0% vistos no mesmo período de 2023.

A população desocupada, composta por 7,5 milhões de pessoas, também apresentou uma redução significativa de -12,5% no trimestre e de -12,8% em 12 meses, o menor contingente desde o trimestre encerrado em fev/15. Assim, a população ocupada continuou crescendo, 1,6% no trimestre e 3,0% em 12 meses, alcançando 101,8 milhões.

Cabe destacar que a taxa de subutilização da força de trabalho, que inclui trabalhadores subocupados por insuficiência de horas, aqueles que desistiram de procurar emprego e a força de trabalho potencial, apesar da queda de -1,5 p.p. no trimestre e de -1,4 p.p. em 12 meses, permanece elevada, em 16,4%.

Por fim, o rendimento médio habitual real apontou alta de 1,8% no trimestre e 5,8% em 12 meses, atingindo R\$ 3.214. A massa de rendimentos subiu 3,5% no trimestre e 9,2% em 12 meses, resultando em R\$ 322.982 milhões. Em termos prospectivos, espera-se que o mercado de trabalho se mantenha aquecido nos próximos meses, com o crescimento real da renda auxiliando no cenário para a atividade. Contudo, prevalece as preocupações com a dinâmica inflacionária.

Caged: Geração de Empregos
Acumulada em 12 meses - em milhões
Com declarações fora do prazo



Pnad: Taxa de Desemprego
Trimestre móvel - em % da população ativa



Pnad: Rendimento Médio Habitual
De todos os trabalhos - em R\$



Fonte: MTE | IBGE.. Elaboração ABBC

PEIC - Jul/24

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) de julho, divulgada pela CNC, aponta 1º queda no total de endividados desde fev/24 recuando -0,3 p.p., de 78,8% em junho para 78,5% (77,9% em fev/24). Em comparação com o mesmo período de 2023, houve queda de 0,4 p.p. (78,1% em jul/23). Com esse resultado, é possível ver uma tendência de cautela com o crédito por parte das famílias, causado pela redução do percentual dos que se consideram “muito endividados”, atingindo 6,5% no mês (menor variação desde dez/21). Já as famílias que se sentem “pouco endividadas aumentou para 33,8% (maior taxa desde set/22).

Entre os tipos de dívidas, a maior participação segue em cartão de crédito, ficando em 86,0% (redução de -0,4 p.p. no mês. e +0,1 p.p. em 12 meses). Em seguida, destaque para carnês, com 15,7% (estabilidade no mês e redução de -0,5 p.p. em 12 meses), e crédito pessoal, em 10,6% (-0,4 p.p. no mês e +0,6 em 12 meses).

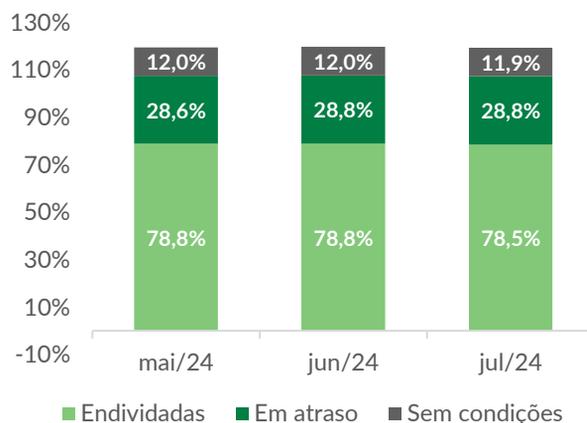
Em relação a parcela de famílias sem condições de arcar com suas dívidas, houve um recuo de -0,1 p.p. na margem em julho, ficando em 11,9% (-0,3 p.p. em 12 meses). Acerca das famílias com contas em atraso, manteve-se estável em 28,8% no mês (decréscimo de -0,8 p.p. em 12 meses).

Levando em consideração os dados desagregados por renda, a população mais pobre (0-3 SM e 3-5 SM) reduziram seu endividamento em 0,9 p.p. para 81,0% e em 0,5 p.p. para 79,6%, respectivamente. Em contrapartida, houve alta na inadimplência e no percentual que não tem condição de arcar com as dívidas.

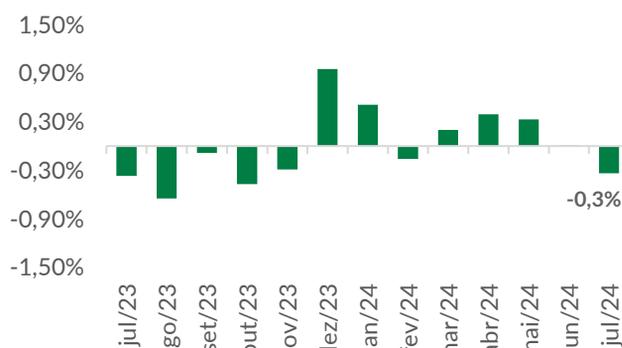
As enchentes no RS seguem impactando o endividamento das famílias gaúchas, atingindo o maior nível desde out/23, aos 91,2%, enquanto a inadimplência fecha julho em 38,0% (maior taxa desde jan/24) e 3,3% dos consumidores sem condições de pagar suas dívidas (maior nível desde ago/21).

Por fim, os resultados do mês indicam uma possível redução do endividamento ao longo de 2024, porém, a tendência de alta em dívidas em atraso mantém o cenário de atenção.

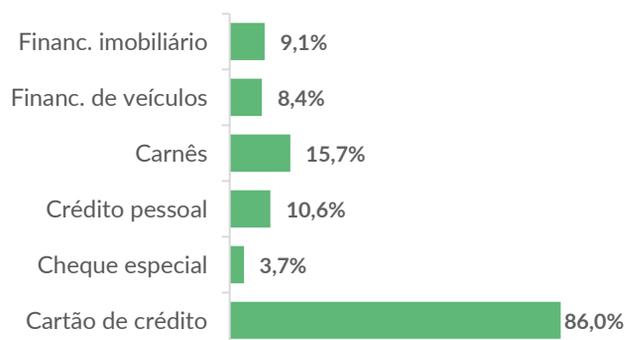
PEIC (%)



Famílias Endividadas Variação mensal



Tipo de Dívida % Total



Fonte: CNC..Elaboração ABBC

Sondagens FGV- Jul/24

As sondagens de confiança da FGV apresentaram variações positivas em todos os seus segmentos em julho, nas séries com ajustes sazonais. Do lado das empresas, o indicador para serviços subiu 0,2 pt., para 94,2 pts., apontando uma relativa tendência de estabilidade do setor neste ano, demonstrando cautela em relação à situação futura, como reflexo da interrupção no ciclo de queda da Selic. No entanto, a situação atual apresenta resultados positivos no volume da demanda, recuperando parte das perdas vistas no mês anterior.

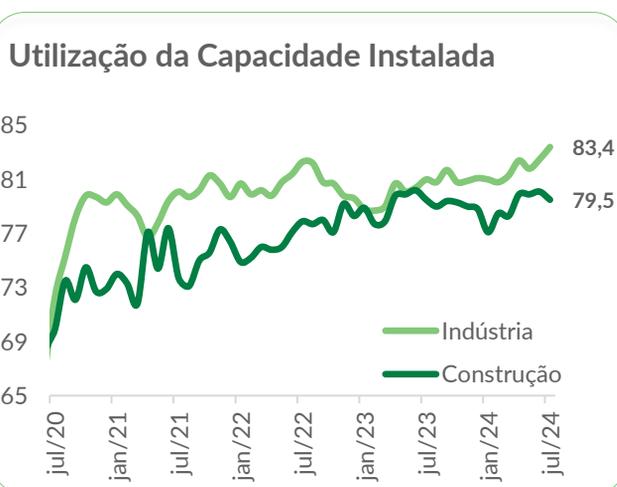
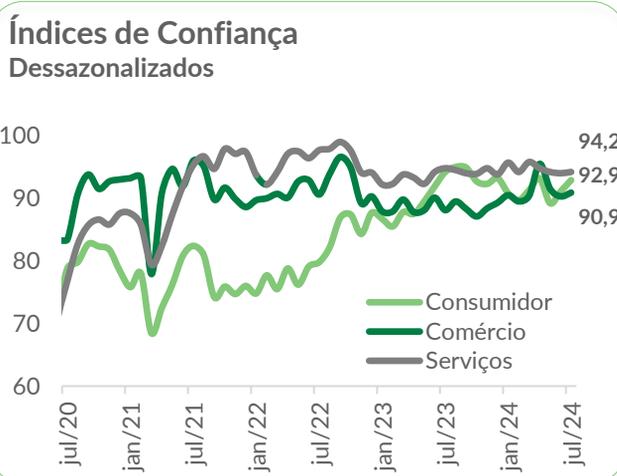
Após 2 quedas consecutivas, a confiança do comércio voltou a acelerar discretamente, avançando 0,6 pt. em julho, para 90,9 pts.. A redução do pessimismo foi notada principalmente nas expectativas para os próximos meses, enquanto para a situação atual, o indicador sobre o volume da demanda recuou pelo 3º mês.

O indicador para a indústria avançou 3,3 pts. no mês, para 101,7 pts., representando sua 4ª variação positiva seguida. Esse resultado foi influenciado, em especial, pela forte melhora da situação atual e em relação ao futuro. Apesar da interrupção na queda da taxa de juros, indicadores de trabalho e renda continuam positivos, contribuindo para o setor.

Atingindo o maior nível desde fev/24, o índice de confiança da construção avançou 0,9 pt. no mês, para 97,3 pts.. Desta forma, o setor se mantém aquecido e com as empresas confiantes no crescimento para os próximos meses.

Já em relação a confiança do consumidor, houve uma alta de 1,8 pts. em julho, para 92,9 pts.. Esse resultado foi impulsionado, no geral, pela melhora nas expectativas para os próximos meses. No entanto, para a situação presente, houve estabilidade. O mercado de trabalho mais aquecido e o controle da inflação são fatores importantes para essa melhora no indicador.

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apresentou resultados distintos em julho. Para indústria, apontou alta de 0,9 pts., para 83,4 pts., enquanto para construção recuou -0,6 pt., para 79,5 pts..



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,1
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,2
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,4
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,9
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,30
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,2
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688